

PARADIGMA DISCURSIVO COMO (PROTO)CONSTRUÇÃO: ALTERNÂNCIA LINGUÍSTICA VIA PRÁTICAS SOCIOCOMUNICATIVAS

Marcos Luiz Wiedemer

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faperj

Marcia dos Santos Machado Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq e Faperj

Resumo: Este capítulo trata do conceito de “*paradigma discursivo*” e defende a ampliação do escopo de conceptualização de construção no modelo da Gramática de Construções, ao abarcar paradigma discursivo como uma esfera de construções convencionalizadas e como parte integrante da gramática, no que diz respeito à captura do conhecimento linguístico dos falantes como um sistema simbólico. Para tal finalidade, a partir de breve análise dos gêneros *receita* e *resumo acadêmico*, procuramos evidenciar a associação entre paradigmas discursivos e construções gramaticais. Além disso, demonstramos que a estabilidade de tais associações é motivada, culturalmente, via práticas sociocomunicativas, bem como por propriedades de atributos do paradigma discursivo. E, assim, colaboramos para a descrição de variação construcional que se (re)configura em razão da representação cognitiva de experiências e expectativas de práticas textuais-discursivas, sociocomunicativas e culturais.

PARA INICIAR O TEXTO, VAMOS ATIVAR O PARADIGMA DISCURSIVO “ARTIGO CIENTÍFICO”

Neste capítulo, evidenciamos a necessidade de a Gramática de Construções (doravante GC) integrar os fenômenos sistemáticos e convencionais de tradições e/ou tipologias diversas de configuração do discurso no modelo da GC (conforme já apresentado por FRIED; ÖSTMAN, 2003, 2005; BERGS, 2008; HOFMANN; BERGS, 2014, 2018; MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2019, 2020; entre outros). E, a partir de observação empírica, defendemos que, na investigação construcionista, ganhe foco uma (agenda de) análise que vai além das propriedades internas das sentenças individuais ou, quando muito, da conexão entre elas e, então, alcance propriedades internas de textos e até hipertextos, de tradições ou inovações discursivas, ou seja, dimensões maiores em que se efetiva o acionamento de construções de ordem (infra/inter)lexical e (intra/inter)sentencial. E, assim, propomos uma ótica que considera a noção de construção em estruturas mais complexas de ordem textual-discursiva.

Para dar conta dessa proposição, lançamos mão da noção de “paradigma discursivo”, em que:

‘Padrões de discurso’ representam convencionalizações de propriedades linguísticas específicas, o que as coloca em pé de igualdade com os padrões convencionalizados conhecidos como ‘gramática’, pelo menos no que diz respeito à captura do conhecimento dos falantes da linguagem como sistema simbólico (ÖSTMAN, 2005, p. 121).¹

Paradigma discursivo é também uma construção de contorno procedural, uma vez que reúne generalizações, estabilizadas a partir das mais diversas práticas discursivas, que são, assim como as chamadas construções gramaticais que dizem respeito a representações de unidades que operam (intra ou inter) sentencialmente, norteadoras do acionamento de construções desta natureza e de natureza lexical. É, então, uma representação mental de (sub)conjuntos de atributos formais e funcionais pareados que se consolidam por convencionalização sociocultural e que funcionam como tradições textuais-discursivas nas quais e/ou segundo as quais operamos a formulação de nossas expressões linguísticas de toda a ordem de complexidade.

¹ Cf. original: “ ‘discourse patterns’ represent conventionalizations of specific linguistic properties, which places them on an equal footing with the conventionalized patterns known as ‘grammar’, at least with respect to capturing speakers’ knowledge of a language as a symbolic system”.

Nesse enquadre, os gêneros e os tipos textuais podem ser concebidos como construções, ou seja, pareamentos de forma-significado/função. Isso implica “o reconhecimento de sua natureza convencionalizada, esquemática e de seu caráter de estabilidade e flexibilidade, a um só tempo” (FERNANDES, 2009, p. 283). Dessa forma, faz parte do inventário de construções com que lidamos para organizar nossos pensamentos e emoções em linguagem verbal um conjunto de generalizações sobre padrões construcionais de ordem textual-discursiva, que são instanciadas pelos (sub)gêneros e tipos textuais.

A gramática de uma determinada língua é entendida como um *constructicon*, uma rede de padrões construcionais interconectados por alguns tipos de relações (verticais de herança, horizontais, entre as quais a de similaridade, e transversais).² A unidade mínima de análise é a construção, unidade simbólica em que são pareados forma (fonético-fonológica, morfossintática, lexical) e significado/função (semântica, discursiva, pragmática, social e cognitiva). O sistema linguístico configura-se, então, com base em *nós*: padrões construcionais com variados graus de esquematicidade/abstração que, em linhas gerais, constituem os recursos linguísticos e os modos de organização destes para a materialização de propósitos expressivos e comunicativos (conforme TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Assim, a noção de “construção” cobre uma grande variedade de unidades linguísticas.

Dessa forma, as abstrações que os falantes fazem a partir dos textos/ usos existentes – generalizações de uso a partir de práticas de produção de textos orais e escritos – são gramaticalizadas na diversidade de textos/(sub)gêneros textuais existentes. Apoiando-nos em Bakhtin (1986), podemos explorar a dimensão histórica e cultural dos gêneros discursivos, em que

Cada esfera de utilização da língua elabora seus **tipos relativamente estáveis** de enunciados, sendo isso que denominamos **gêneros do discurso**. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso não têm limites, porque as diversas possibilidades da atividade humana são inesgotáveis, e cada esfera de atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que se diferencia e se amplia à medida que a própria esfera desenvolve-se e torna-se mais complexa. Uma ênfase particular deveria ser dada à extrema **heterogeneidade** dos gêneros do discurso (orais e escritos) (BAKHTIN, 1986, p. 60, grifos nossos).

² Vale lembrar que esse é o conceito de Gramática de Construções mais difundido, é também o que, em certa medida, põe em proeminência uma perspectiva homogênea de língua, embora haja a abordagem diassistemática em que se considera a noção de diassistema, cara, por exemplo, à Sociolinguística. A esse respeito, sugere-se a leitura de textos de Steffen Höder, desde Höder (2012, 2014). Machado Vieira (2020b) também desenvolve essa questão com base em pesquisas do Português e em ótica socioconstrucionista.

O que é importante nos dizeres de Bakhtin (1986) é justamente o caráter relativo dos textos, em que a recorrência de características similares em determinado tempo e cultura cria um frame interpretativo relativo e estável, o qual denominamos de *paradigma discursivo*. Afinal, os falantes engajam-se em ações sociais/discursivas que, em alguma medida, se pautam na tensão tradição e inovação, transformando-se em sujeitos que ativam relações entre (sub)esquemas convencionalizados e constructos e/ou em sujeitos, em algum grau, coautores de experiências compartilhadas, utilizam de frames discursivos específicos a certas condições de produção e circunstâncias socioculturais. Em resumo, a linguagem (verbal) materializa-se através de textos (seja ele composto de uma única unidade lexical, seja composto por um texto longo), que funcionam na orientação de determinado propósito comunicativo e da inferência de efeitos de sentido, a partir de sua emergência num domínio discursivo, pragmático, sociocultural e cognitivo.

Para Östman (2005, p. 125), “de fato, nem está claro que todos os praticantes da GC são a favor de levar a GC além da frase. No entanto, um movimento além da frase não está em desacordo com as motivações originais para a criação do modelo CG”.³

Aceitar a noção de *paradigma discursivo* como categoria analítica não é algo tão distante ou novo do que já feito em diversas áreas de estudo da linguística. Um exemplo é o que vemos na Linguística Textual, que assume a noção do texto como categoria analítica há bastante tempo. Sobre isso, Enghels e Sasiñena (2021, p. 1) aludem que:

Até o início deste século, o foco da Gramática de Construções (GC) estava principalmente em fenômenos morfossintáticos em um nível da frase em registros formais da língua escrita (Goldberg, 1995, 2006; Boas, 2003; Booij, 2005; Kay, 2005; Barðdal, 2008, entre outros). No entanto, a Gramática de Construções visa a dar conta da organização da língua em todos os níveis e, mais recentemente, todos os componentes desde morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, e fonologia até o nível do discurso foram integrados de forma mais explícita no modelo.⁴

³ Cf. original: “it is not even clear that all practitioners of Construction Grammar are in favor of taking Construction Grammar beyond the sentence. However, a move beyond the sentence is not at odds with the original motivations for devising the CxG model”.

⁴ Cf. original: “Until the beginning of this century, the focus of Construction Grammar (CxG) was mainly on morphosyntactic phenomena at a sentence level found in formal registers of written language (Goldberg 1995, 2006; Boas 2003; Booij 2005; Kay 2005; Barðdal 2008, among others). However, Construction Grammar aims at accounting for the grammatical organization of a language at all levels and, more recently, all components from morphology, syntax, semantics, pragmatics, and phonology to discourse levels have been more explicitly integrated into the model”.

A perspectivação dessa categoria no âmbito da Gramática de Construções talvez esbarre apenas no crivo das práticas de investigação mais frequentes ou mais divulgadas nesse área: ainda mais centradas em análise de colocação lexical em construções da ordem da sentença ou do período composto, menos em unidades construcionais textuais-discursivas; ainda há quem olhe com reserva esse encaminhamento, na medida em que sente falta de uma estruturação palpável da relação forma-função (principalmente quem se orienta por representações mais formais que funcionais). Porém, é importante enfatizar a necessidade de uma teorização construcionista de cunho cognitivista que situe e reconheça que as construções (lexicais ou gramaticais) se envolvem em (sub)gêneros do discurso, transformam-nos e são transformadas por eles e, assim fazendo, que os encare como formas convencionalizadas socialmente de que os falantes se valem para produzir/interpretar enunciados, que eles memorizam como (sub)esquemas cognitivos e/ou reconhecem como unidades (com configuração formal e funcional) e que, então, acionam em novas experiências de ação ou processamento discursivo(a)s.

É importante, ainda, apontar que a proposição de *paradigma discursivo* como construção está assentada em uma visão da linguagem atrelada aos aspectos socioculturais além dos aspectos cognitivos e linguísticos, pois, dar conta de um empreendimento de gramática que passe de geração a geração, só é possível se fizermos uma associação com alguma transmissão cultural, que engloba renovação dos usos já estabelecidos e inovações decorrentes de novas situações comunicativas. Assim, lembranças são a base de nossa vida como seres humanos, em que utilizamos de nossa capacidade para aprender, para interagir com o outro, ou seja, vivemos de memórias que são armazenadas em nossas estruturas cerebrais a partir das conexões neurais. Dessa forma, os falantes, nas suas interações⁵ do dia a dia, refletem sobre seus usos linguísticos como seres inseridos em um ambiente cultural. Esses eventos de usos são cruciais para a estrutura do sistema linguístico, bem como levam às regularidades desses usos, em que estão em jogo a estabilidade, a variação e a mudança linguística.

aquilo que os participantes do ato comunicativo acionam cognitivamente quando falam é fruto de experiências passadas, de uso de certas construções, a que se acrescenta a avaliação do contexto interativo, cujo enfoque está na imagem do interlocutor, não num conjunto fixo de postulados. Sua capacidade cognitiva, enquanto falantes, permite-lhes, portanto, a partir dos eventos discursivos, categorizar e classificar semelhanças e diferenças (ARAÚJO, 2012, p. 32).

⁵ A interação com coespecíficos, e até mesmo com outras espécies, é comum entre os animais, incluindo humanos (GALEF; LALAND, 2005; LEADBEATER; CHITTKA, 2007).

Assim, esses possíveis usos são resultados de processos de inovação e regularização, que geram unidades de forma padronizadoras e portadoras de significado que lhes é culturalmente associado, inclusive características pragmático-discursivas e sociais mais estavelmente associadas. Tais unidades são denominadas de construções. Dessa forma, o significado linguístico é dinâmico e flexível, ou seja, emerge na experiência de interação com outros, em que é conceptualizado/perspectivado de diferentes maneiras a depender da situação comunicativa (LANGACKER, 1987, 2008; CROFT, 2001); e, com o tempo, um perfil do significado pode tornar-se mais estabilizado do que outros, no pareamento.

Vale ainda acrescentar o que aponta Silva (2012, p. 168) sobre o significado:

não existe em mentes individuais isoladas, antes se constrói e se transmite na interação social. A conceptualização é, pois, necessariamente interativa: os nossos conceitos, os nossos significados são o resultado de mentes individuais em interação entre si e com os nossos contextos físicos, socioculturais, políticos, morais etc. Por outro lado, uma língua não é um sistema uniforme, mas um diassistema sócio-variacional.

No cenário brasileiro, a abordagem construcionista tem potencializado muitos projetos de investigação linguística, inclusive interdisciplinares; e, entre esses projetos, estão os desenvolvidos por nós em que procuramos reunir subsídios teórico-metodológicos para a modelagem da variação na arquitetura de um referencial (socio)construcionista de gramática (WIEDEMER e MACHADO VIEIRA, 2018b; MACHADO VIEIRA e WIEDEMER, 2019, 2020). Procuramos evidenciar, neste capítulo, que a noção de *paradigma discursivo* pode contribuir para a análise da variação no âmbito da GC, bem como o escopo de análise.⁶

Em linhas gerais, o pontapé inicial da proposta de articulação entre GC e o fenômeno da variação surge por ocasião do artigo, resultado da comunicação realizada por Machado Vieira (2016), em que, desde então, a autora defende a proposta de reflexão sobre variação (por similaridade) no âmbito dos estudos praticados pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática.⁷ Como consequência dessa proposta, no texto seminal de Machado Vieira; Wiedemer (2020),⁸ reunimos subsídios teórico-metodológicos para tal modelagem, a partir de três possibilidades

⁶ Östman (2005) indica outras importantes aplicações: julgamentos de aceitabilidade, gramaticalidade e ambiguidades.

⁷ XXI Seminário do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, VIII Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 04 a 07 de julho de 2016, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁸ Texto apresentado no XXXII ENANPOLL – Encontro Intermediário do GT de Sociolinguística da ANPOLL, PUC-RS, 22 a 24 de novembro de 2017.

de tratamento da variação: (i) variação por *aloconstruções* e *metaconstrução*; (ii) variação por semelhança simbólica; e (iii) variação por paradigma discursivo. Além disso, essas metodologias de observação desenvolvidas no sentido de cercar as potencialidades configuracionais de variação partem de duas premissas. Nelas exploramos possibilidades de representação dos tipos de variação a partir do arcabouço teórico-metodológico oferecido pela GC. As duas premissas para o tratamento da variação são: (i) variação por analogia/alinhamento de construções independentes; e (ii) variação por compatibilização de (co)lexemas/unidades construcionais a *slot* de construção.

Aqui, destacamos a noção de *paradigma discursivo*. Na próxima seção, destacamos o papel da tradição cultural e sua relação com o estabelecimento de padrões discursivos. Na seção subsequente, temos a representação da noção de *paradigma discursivo* na Gramática de Construções. E, na sequência, oferecemos duas breves análises de paradigmas discursivos, que são associados a práticas cotidianas em diversas culturas: a primeira, o gênero receita; e a segunda, o gênero discurso acadêmico. Por fim, expomos nossas considerações finais e referências.

“PADRÕES DISCURSIVOS” COMO TRADIÇÃO CULTURAL

Para buscarmos uma caracterização do discurso em termos de um constructo teórico e uma conceituação, é necessário compreendermos que a coerência textual-discursiva deve ser vista em termos de compreensão sociocognitiva: textos e discursos estão relacionados, são utilizados e transmitidos por uma determinada cultura ou comunidade linguística. Por exemplo, quando falamos de uma “bula de receita”, imediatamente acionamos as seguintes categorizações: *composição*; *como usar (indicação)*; *informações*; *contraindicações*; *dosagem*, entre outras informações, ou seja, perfilamos o conhecimento desse gênero a partir das nossas experiências.

O reconhecimento do paradigma discursivo como construção, a ser contemplado no arcabouço teórico-metodológico da GC, alia-se à *Hipótese Sociocognitiva* de Tomasello (1999), em que o autor defende que os seres humanos foram capazes de evoluir em relação às demais espécies em função de sua capacidade específica de transmissão cultural. Sobre isso, “é dessa capacidade que se engendram as formas simbólicas de comunicação, ou seja, a linguagem: **a linguagem é ação conjunta**, o que significa dizer que, sem atenção partilhada,⁹ não há linguagem” (SALIM MIRANDA, 2016, p. 59, grifos da autora).

⁹ É importante esclarecer como estamos tomando a noção de “atenção partilhada ou

Assim, para dar conta da transmissão cultural, é necessário assumirmos que aprendemos por meio da observação de outros, ou seja, a partir da interação. Sobre isso, no campo de estudo da cognição social, já há farta comprovação de tal aprendizagem (por exemplo, aprendizagem sobre lugares, objetos, ações e agentes), em que utilizamos mecanismos de *associação*, *recompensa*, *Gaze-following*, *espelhamento*, conforme revisado por Frith e Frith (2012). Além disso, os autores afirmam que “a maior parte do aprendizado humano ocorre por meio de ensino deliberado ao invés de mera observação e é muito dependente do uso da linguagem”¹⁰ (FRITH; FRITH, 2012, p. 312). Com isso, reconhecemos e destacamos o papel da memória, do entrincheiramento e da convencionalização na estruturação de gramática (conforme SCHMID, 2020). Assim, aprender uma gramática é também aprender *paradigmas discursivos*.

É importante apontar que os *paradigmas discursivos*, ou seja, as práticas discursivas estabelecidas têm significados específicos em diferentes instituições e grupos sociais e, com isso, temos que assumir que essas práticas discursivas são diferentes a depender das esferas e dos grupos sociais: escolar, religioso, familiar, entre outros, que posicionam o sujeito por relação à forma de aceder, tratar ou usar os textos. Nesse sentido, a produção do discurso de forma interacional é situada no interior de uma determinada atividade social, que, por sua vez, congrega inúmeras esferas sociointeracionais (uso de diferentes linguagens sociais). Já é sabido que cada esfera compreende determinado tipo de texto, que apresenta “relativa estabilidade” (BAKHTIN, 2000, p. 279), que são rotinizados pela comunidade de fala e/ou comunidade de prática. Além disso, vários aspectos interferem na construção do discurso, os quais são denominados de condições de produção, e isso é refletido no plano textual, ou seja, no objeto linguístico.¹¹

Já é sabido que um texto ou discurso é mais do que uma combinação de constituintes sintáticos. Östman (2005) chama a atenção para o fato de que não se

compartilhada”: é definida como a habilidade de coordenar a atenção entre dois parceiros sociais em relação a um terceiro referencial externo, com o propósito de compartilhar uma experiência comum (TOMASELLO, 1999; MUNDY; NEWELL, 2007).

¹⁰ Cf. original: “Most human learning arguably occurs through deliberate teaching rather than mere observation and is greatly dependent on the use of language”.

¹¹ Não é nosso objetivo discutir a relação entre escolhas estilísticas associadas à comunidade de prática. Sobre isso, Wiedemer e Oliveira (2015) aludem que “é visível que as práticas de discursos possuem restrições estilísticas, que se realizam em atividades de construção de identificação/demarcção dos sujeitos, que são representados pelos modos de dizer na comunidade de prática” (p. 350) e “Nesta proposta, a visão do uso linguístico e da variação são reflexos de identidades sociais e categorias da prática linguística em que os falantes se colocam através da prática estilística” (p. 351).

pode confundir a análise/investigação de frases complexas e combinação dessas frases com a análise do padrão construcional discurso. A abordagem de *padrão construcional discursivo* assenta-se na noção de gênero como conhecimento estruturado que interage com nosso conhecimento gramatical. Para o autor, a noção de “paradigma discursivo” é uma entidade abstrata, assim como “a noção de construção; ou seja, é também um fenômeno cognitivo”¹² (ÖSTMAN, 2005, p. 131).

Dessa forma, coadunamos tais noções com base em Östman (2005) ao indicar a necessidade

de um filtro cognitivo de ‘significado’ para encaixar forma e função, também precisamos de um filtro para mediar entre descrições de gênero e tipo de texto. É aqui que entra a noção ‘paradigma discursivo’ – já que o discurso cognitivo se correlaciona com o ‘significado’ no nível da frase¹³ (ÖSTMAN, 2005, p. 132).

Östman (1999), ao conceitualizar gênero/tipo, incorpora os dois como constelações de significado/forma e, para todos os efeitos, é denominado de coerência, porém, para o autor, a coerência textual e discursiva é mais bem vista em termos de compreensão sociocomunicativa que sustenta textos e discursos juntos a membro de uma comunidade de fala.

No entanto, gênero e tipo de texto são muitas vezes vistos como constituindo uma dicotomia, como duas perspectivas sobre o discurso: o gênero amplia as relações externas que um texto/discurso apresenta em relação aos contextos sociais e comunicativos; e o tipo de texto se concentra nas relações internas em um texto ou discurso¹⁴ (ÖSTMAN, 2005, p. 131).¹⁵

¹² Cf. original “the notion of ‘discourse pattern’ is an abstract entity, as is the notion of construction; it is also a cognitive phenomenon”.

¹³ Cf. original: “In the same way as we need a cognitive ‘meaning’ filter to fit form and function together, we also need a filter to mediate between genre and text-type descriptions. This is where the notion *discourse pattern* comes in – as the cognitive discourse correlates of ‘meaning’ on sentence level”.

¹⁴ Cf. original: “Nevertheless, genre and text type are very often seen to form a dichotomy, as being two perspectives on discourse: genre zooms in on the external relations that a text/discourse displays in relation to social and communicative settings; and text type focuses on the internal relations in a text or discourse”.

¹⁵ Não é nosso objetivo discutir as diferenças entre as noções de tipo/gênero como configurações, mas reconhecemos que: os gêneros envolvem as atividades com que as pessoas se engajam nas ações sociais para fins devidos, por exemplo, receitas, notícia, entre outros gêneros; e os tipos envolvem sentenças organizadas como partes de um pedaço/trecho de discurso em relação a outro(s), por exemplo, argumentativo, narrativo, instrutivo, expositivo e descritivo. Ao leitor interessado, sugerimos Bezerra (2017).

Para definir a noção de padrão discursivo, o autor (ÖSTMAN, 2005) aponta o exemplo do gênero “receita” (ver Figura (1) e (2), a seguir), e alude que

quando o tópico de uma conversa são receitas, o que vem à mente (em um grande subconjunto de culturas) não é que as receitas sejam tipicamente formuladas em um tipo de texto instrutivo, nem que as atividades em torno de uma receita ocorram na cozinha. Esses aspectos desempenham um papel na conceituação, mas nenhum deles por si só, nem considerados em conjunto, fornecem uma explicação completa e satisfatória. A compreensão e categorização de uma receita como uma receita, ocorre em termos de visual, conforme o gráfico mostrado na Figura 1, posteriormente resumida como Figura 2¹⁶ (ÖSTMAN, 2005, p. 132-133).

Figura 1 – A schematization of the recipe image¹⁷

Figura 2 – The recipe pattern; [dp recipe]

<p>SDKJD JSJKSJDD JDDSSKJ</p> <p>2 tbl fdjkfjfd</p> <p>2½ dl lkfdlkjf sdjklfdsjkl</p> <p>30 g kjdsjklfdiop</p> <p>Asälkfj V-IMP oksd jfdkfjfd dskfj dfjsd fjsdfsfsf söa df kskfkdkfd V-IMP dsfkdsf kdkkd fkdksdfl öls kd V-IMP flösd kfsdk kfsfkskk s dltk IMP äd fsö ldkfs dlflösdkföl s fks dlfkds IMP sdl kfsd uilsdk fsdk flsd V-IMP dfksd k fsdfk dsflk lfkds fk.Eigr ds or hhre e mmmmererp ppdfde V-IMP-Neg.</p>	<p><i>Heading</i></p> <p>name of product to-be</p> <p>cultural information</p> <hr/> <p><i>Ingredients</i></p> <p>list of ingredients</p> <p>specif amounts</p> <p>amount of final product;</p> <p>e.g., ‘serves four’</p> <hr/> <p><i>Instructions</i></p> <p>sequentially ordered</p> <p>directive mode</p> <p>alternative paths</p>
--	--

Fonte: Östman (2005, p. 132-133).

Nas Figuras 1 e 2 temos a representação prototípica de uma receita: certas especificações sobre medidas dos ingredientes em forma de lista, seguidas de um texto que fornece instruções para a preparação do prato em questão (cf. ÖSTMAN, 2005). Além disso, para Östman (2005), o padrão discursivo (cf.

¹⁶ Cf. original: “when the topic of a conversation is recipes, what comes to mind (in a large subset of cultures) is not that recipes are typically couched in an instructive text type, nor that activities surrounding a recipe take place in a kitchen. These aspects do play a role in conceptualization, but neither of them by itself, nor taken together, give a full and satisfactory account. Understanding and categorizing a recipe as a recipe, takes place in terms of the visual, graphic display in Figure 1, further abstracted as Figure 2”.

¹⁷ Mantivemos o original em inglês nos dois exemplos.

Modelos Cognitivos Idealizados – MCI, de LAKOFF, 1987) constituem uma ferramenta para compreensão dos textos. Assim, as esquematizações dispostas nas Figuras (1) e (2)

são manifestações da percepção visual do padrão Receita conforme definido cognitivamente. Esse padrão é constitutivo da coerência das receitas em geral. Quando as instruções de cozimento são apresentadas de alguma outra maneira, mais trabalho de processamento será exigido do leitor ou destinatário para que ele entenda e conceitualize essas instruções como uma receita¹⁸ (ÖSTMAN, 2005, p. 133).

Assim, os paradigmas discursivos pertencem à

percepção holística do texto/discurso; não são simplesmente formas, mas funcionam como estruturas para a compreensão. E se os padrões de discurso estão diretamente associados à coerência em termos de compreensão, a similaridade dos padrões de discurso implica semelhança na maneira de compreensão cognitiva e semelhança em como percebemos e processamos textos. Assim, a receita, o guia e a direção como interação têm uma estrutura muito semelhante: primeiro uma apresentação dos ingredientes (receita), os lugares que vale a pena ver (guia), e o estabelecimento conjunto de pontos de referência mutuamente conhecidos e meio de transporte (entrega de direção); a seguir, um relato passo a passo do processo pelo qual se obtém dos ingredientes até o produto acabado, ou do ponto A ao ponto B (ÖSTMAN, 2005, p. 134).¹⁹

Sabendo que o *paradigma discursivo* é uma abstração teórica oriunda de textos existentes, ou seja, é generalização advinda de usos, e atua como um princípio organizador, esses modos distintos de falar/escrever são vistos e analisados a partir de graus de abstração entre padrões de discurso semelhantes (por exemplo, *receita, manual, mapa* = padrão discursivo: instrucional). Dessa forma, os padrões discursivos atualizam-se ao longo do tempo, espaço e estrutura social. Com isso, podemos pensar que os padrões discursivos se atualizam em instâncias

¹⁸ Cf. original “are manifestations of the visual perception of the Recipe pattern as cognitively defined. This pattern is constitutive of the coherence of recipes in general. When cooking instructions are presented in some other manner, more processing work will be demanded from the reader or addressee in order for him/her to understand and conceptualize these instructions as a recipe”.

¹⁹ Cf. original “the holistic perception of text/discourse; they are not simply shape, but they function as frames for understanding. And if discourse patterns are directly associated with coherence in terms of understanding, discourse pattern similarity implies similarity in the manner of cognitive understanding, and similarity in how we perceive and process texts. Thus, the recipe, the guidebook, and direction-giving as interaction have a very similar structure: first a presentation of the ingredients (Recipe), the places worth seeing (Guidebook), and the joint establishment of mutually known landmarks and means of transportation (Direction giving); then a step-by-step account of the process by which one gets from ingredients to the finished product, or from point A to point B”.

de interação e renovação de seus sentidos já estabelecidos. Assim, os usos vão moldando o paradigma discursivo, e o paradigma vai moldando o uso.²⁰

REPRESENTAÇÃO DE “PADRÕES DISCURSIVOS” NA GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Östman (2015) apresenta quatro reivindicações para a ampliação da análise para além da sentença na GC: (i) o discurso é convencional;²¹ (ii) o discurso não se opõe à sintaxe; (iii) aceitabilidade e convencionalidade são relativas ao contexto; e (iv) a GC precisa reconhecer a utilidade de quadros holísticos, semelhantes aos gêneros.

Aqui, vale lembrar que a ideia *frame* é central na GC (ver, por exemplo, FILLMORE, 1968; FILLMORE *et al.*, 1988; JOHNSON *et al.*, 2001), porém, baseados em Östman (2005), necessitamos fazer referência ao *frame* no nível do discurso,

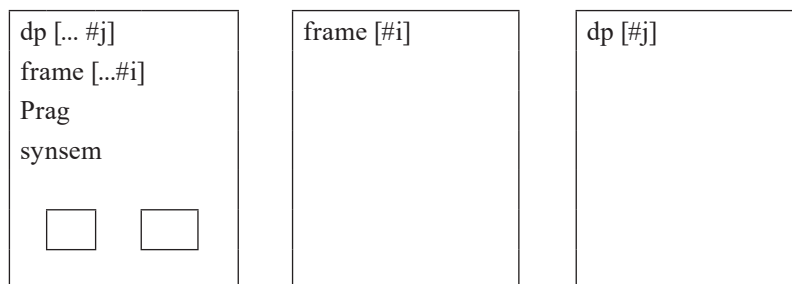
Precisamos ser capazes de nos referir a “frames como gêneros”, para indicar como sabemos que o que dizemos é apropriado nessa configuração. Tais quadros holísticos restringem as possibilidades de interpretação e desenharam fronteiras na esfera da compreensão da maneira como os tópicos discursivos, esquemas ou conhecimentos de um gênero discursivo fazem.²²

Östman (2005) indica a seguinte representação dos padrões discursivos (dp) e as informações que precisam ser especificadas na GC, a seguir.

²⁰ Hilpert (2013) e Petré (2015) argumentam que frequência e a ativação de um padrão metatextual podem ser tão ou mais importantes do que inferências como pré-requisitos para mudança morfossintática.

²¹ Em relação à convencionalização, Östman (2005) aponta que as construções são vistas como associações entre forma e significado, mas essa convencionalização é uma questão de grau; ou seja, em termos cognitivos, conceituamos e categorizamos em vários níveis da linguagem.

²² Cf. original: “We need to be able to refer to ‘frames as genres’, to indicate how we know that what we say is appropriate in that setting. Such holistic frames restrict the interpretational possibilities and draw borders around the sphere of understanding the way discourse topics, schemata, or knowledge of the particular discourse genre do”.

Figura 3 – Representação para o atributo *dp*.

Fonte: Östman (2005, p. 136).

Leino e Östman (2005) recorrem à noção de *paradigma discursivo*, conforme desenvolvido em Östman (1999, 2000, 2005), para o tratamento de diferentes construções a partir de um paradigma. De acordo com os autores, “um padrão de discurso é o correlato cognitivo do tipo de texto definido linguisticamente e do gênero definido socioculturalmente. A compreensão do texto e do discurso ocorre principalmente em termos de padrões discursivos”²³ (LEINO; ÖSTMAN, 2005, p. 200). O conceito de *paradigma discursivo* é concebido para ser invocado por construção, conforme o esquema proposto por Leino e Östman (2015, p. 201). Temos um padrão discursivo que licencia determinadas construções, conforme Figura (3), anteriormente apresentada.

Para Leino e Östman (2015), construções terão um atributo “dp” (‘padrão de discurso’) ao qual se confere um valor, ou seja, uma especificação. Para dar conta dos possíveis paradigmas de uma construção (por exemplo, domínio discursivo (acadêmico/familiar), configuração textual (tese/artigo/resumo/comunicação), registro (informal/formal)), os autores lançam mão da noção de “*value pool*” – valores. Esta é a região em que se combinam valores relativos a cada atributo.²⁴ Por exemplo, para o atributo categoria lexical, temos os valores Nome e Verbo (categoria lexical {N; V}), em que “a ideia básica é que um conjunto de valores pode ser imputado a um atributo”²⁵ (p. 202). Esses valores são dados dentro de colchetes, conforme a Figura (4), onde ‘a’ significa ‘atributo’ e ‘v’ para ‘valor’.

²³ Cf. original: “A discourse pattern is the cognitive correlate of the linguistically defined *text type*, and the socioculturally defined *genre*. Understanding of text and discourse takes place primarily in terms of discourse patterns”.

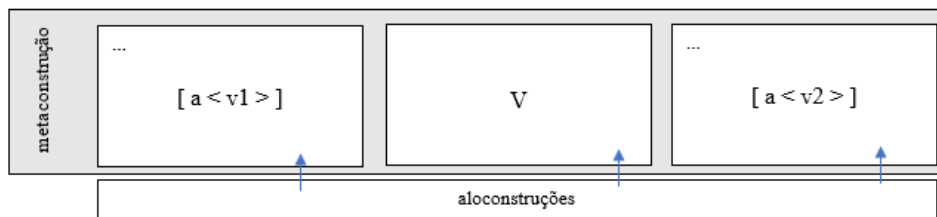
²⁴ São exemplos de atributos/valores: (i) categoria lexical (nome, adjetivo, verbo); (ii) definitude (+/-); (iii) papel semântico (agente, paciente); (iv) registro (formal/informal); (v) gênero (argumentativo; informacional); e (v) papel discursivo (tema/remã). Ao leitor interessado no assunto, indicamos o trabalho de Fried (2009, 2010).

²⁵ Cf. original: “The basic idea is that a *set of values* can be assigned to an attribute”.

Assim, temos um ‘dp’ (dp – paradigma/padrão discursivo) que está condicionado aos atributos, representados pela letra (a). Estes, por sua vez, possuem valores, representados pela letra (v). É importante salientar que um (dp) pode receber vários atributos, que podem ser comparados aos fatores condicionadores com que, em Sociolinguística, mensuramos estatisticamente a coatuação de variáveis independentes. Para exemplificarmos, atributo: substantivo (N), valor: semântico (concreto), teríamos, por exemplo, o substantivo *cadeira*.

Machado Vieira e Wiedemer (2020), no tratamento da variação no âmbito da GC, a partir de adaptação e ampliação da noção de paradigma discursivo até aqui apontada, relacionam aloconstruções à metaconstrução: “para dar conta das aloconstruções, Leino e Östman (2005) associam a metaconstrução com a noção de ‘value pool’ (combinação de valores quanto a um atributo da face forma ou função do pareamento)”. Assim, temos, duas aloconstruções, cada qual com um valor de atributo.

Figura 4 – Metaconstrução como atributo/valores.



Fonte: WIEDEMER; MACHADO VIEIRA (2018b).

Com isso, abre-se espaço para o estudo de uma alternativa para o tratamento da variação, que também pode ser encontrada nos estudos construcionistas empreendidos pela Semântica de Frames (conforme desenvolvido por FRIED, 2009, 2010). Nessa perspectiva, as “alternâncias” são consideradas como epifenômeno, correspondente a diversas unidades lexicais diferentes, que são evocadas a partir de um paradigma discursivo. Leino e Östman (2015, p. 137) aludem ainda que:

especificações de padrão discursivo são necessárias para muitas construções gramaticais, mas de forma alguma para todas as construções. As informações do nível micro necessárias para uma explicação adequada da “gramática” podem ou não ter nada a ver com *dp* particular, mas uma vez que cada frase, enunciado ou turno aparecem como parte de algum discurso, que por sua vez calcula informações sobre sua semân-

tica, é de se esperar que o enunciado precise herdar informações de frames e padrões de discurso.²⁶

Se construções são representações convencionalizadas de FORMA<=>SIGNIFICADO, que são armazenados em redes taxonômicas em nível micro, meso e macroconstrucional, elas podem evocar também informações sobre molduras comunicativas,²⁷ ou seja, uma construção esquemática de gênero mais abstrata.²⁸ Salim Miranda (2016, p. 71) comenta que:

Dentre essas categorias abstratas formuladas estão os conjuntos de conhecimentos estruturados (domínios culturais) sobre eventos e seus participantes – as molduras comunicativas. Interagindo de múltiplas formas, em múltiplos cenários, com múltiplos sujeitos, os homens vão, no curso da história, modelando esse conhecimento que lhes permite identificar a natureza da interação em processo, ou seja, se o evento em foco é uma palestra, uma conversa, uma aula, um espetáculo, uma entrevista, um inquérito, e assim por diante. E essa herança, vale reafirmar, é produto estável, mas não estático.

Diessel (2015), ao tratar da relação entre construções e lexemas, alude que há uma tendência para que as formas lexicais sejam semanticamente compatíveis como o significado construcional, mas a compatibilização semântica não é o único fator que influencia a relação entre lexemas e construções. Outro fator é, sem dúvida, sua frequência de uso/seu entrincheiramento na memória. Sobre isso, Diessel (2015, p. 16) esclarece que:

As associações entre os verbos e construções não são totalmente previsíveis a partir de critérios semânticos. Além do ajuste semântico, é a experiência do usuário da língua com o padrão estabelecido que influencia os *links* associativos entre lexemas e construções.²⁹

²⁶ Cf. original “discourse pattern specifications are needed for many grammatical constructions, but by no means for all Constructions. The micro-level information needed for na adequate account of ‘grammar’ may or may not have anything to do with a particular *dp*, but since every sentence, utterance or turn appear as part of some discourse, which in turn computes information about its semantics, it is only to be expected that the utterance needs to inherit information from frames and discourse patterns”.

²⁷ “Nos termos da Hipótese Sociocognitiva, molduras comunicativas definem-se, pois, como domínios sociocognitivos estáveis (mas não estáticos), estruturas de conhecimento organizados sob formas de interação (SALOMÃO, 1999; MIRANDA, 2000 *apud* SALIM MIRANDA, 2016, p. 71)”.

²⁸ Hofmann e Bergs (2018) comentam que nem toda a construção do texto ficará entrincheirada, mas apenas os recursos mais importantes/proeminentes de forma-significado de um texto específico serão armazenados.

²⁹ Cf. original: “the associations between verbs and constructions are not fully predictable from semantic criteria. In addition to the semantic fit, it is the language user’s experience with the established pattern that influences the associative links between lexemes and constructions”.

Dessa feita, precisamos ampliar a noção de rede de construções e integrar a noção de *padrão discursivo*. Nosso conhecimento linguístico é formado por um inventário de (i) padrões construcionais gramaticais/procedurais; (ii) padrões construcionais lexicais/de conteúdo; e (iii) padrões construcionais discursivos – unidades de forma e significado/função convencionais, cognitivamente rotinizadas e, então, estocadas em nossa memória – para viabilizar nossos propósitos sociocomunicativos de conceptualização e expressão no mundo.³⁰ Esses padrões de usos (esquemas/subesquemas) são importantes, pois permitem ao analista da língua compreender como as categorias são formadas em *slots* esquemáticos na construção, bem como emergem da experiência dos usuários de uma língua e resultam, conseqüentemente, de convencionalização definida sociohistórica, pragmática e culturalmente. Estão estocados na memória: alguns são mais produtivos, outros são menos. São, então, acionados sistematicamente nas atividades de produção e percepção/compreensão linguísticas.

Como a gramática consiste em construções interconectadas e muitas destas, por sua vez, requerem combinação de unidades em seus *slots*, temos o seguinte:

- (i) o protótipo de uma construção é caracterizado pelos valores de atributos de forma e significado/função fortemente associados numa construção; assim, a força de associação de determinados lexemas a *slots* numa construção é regulada por esses valores, de modo que, na combinação de lexemas em uma construção, há desde lexema mais prototípico até lexema menos prototípico (cf. WIEDEMER; VIEIRA, 2018a).
- (ii) o protótipo de um paradigma discursivo é caracterizado pelos valores de atributos de forma e significado fortemente associados numa construção textual-discursiva que, por sua vez, se configura em termos de *slots* com ligação às construções gramaticais e lexicais. Quanto maior for certa prática de configuração linguístico-textual (situada no tempo, cultural e socialmente contextualizada) de uso/produção de um determinado gênero textual-discursivo (seja ele oral ou escrito), mais associada como prototípica do gênero essa prática passa a ser; quanto menor for a prática, menos prototípica; denominamos esse constructo teórico de *protoconstrução*.³¹

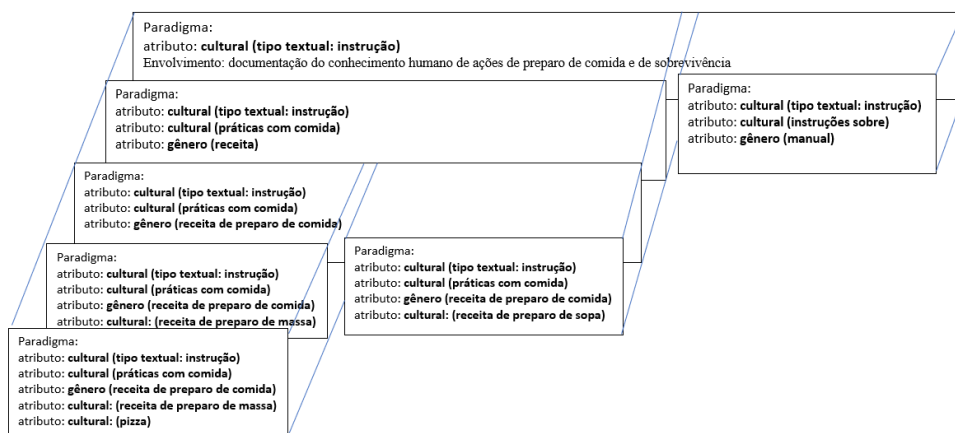
³⁰ Alves (2006), no âmbito da Gramática Discursivo-Funcional, alude que existe de um “componente contextual” formado por fatores da situação comunicativa imediata (participantes, eventos etc.); conhecimento compartilhado (categorizações convencionizadas de uma determinada língua: entidades, classes de palavras, gêneros textuais, estilos, registros etc. e a atuação destes na expressão linguística).

³¹ Fernandes (2009) denomina esse domínio de construções discursivas.

PARADIGMA DISCURSIVO “RECEITA”: CONSTRUÇÕES LEXICAIS E GRAMATICAIS E A RELAÇÃO SOCIOCULTURAL

O primeiro exemplo que vamos ilustrar é a relação entre o paradigma discursivo e o significado lexical e gramatical. Procuramos dar destaque à relação entre as construções acionadas e o aspecto cultural de determinado paradigma discursivo, aqui o gênero “receita”. As escolhas lexicais que os falantes fazem no discurso são determinadas por diferentes fatores. Obviamente há escolhas lexicais de conceitos (mais ou menos) específicos determinadas pelo tema do discurso – que vamos denominar de contexto/contextualidade –, mas há outras escolhas lexicais que têm a ver, não com diferenças entre conceitos, mas com diferenças sociolinguísticas, estilísticas ou pragmáticas. Além dessas possibilidades, o paradigma discursivo pode especificar determinadas construções, o que resolve a questão da ambiguidade/polissemia. Por exemplo, podemos especificar uma construção a partir de determinado atributo e com isso promover um cancelamento de determinados significados. Vejamos a representação, a seguir, em que temos um paradigma bastante acionado culturalmente, o tipo instrucional, que está representado pelo atributo: cultural (tipo de textual: instrucional). Vale apontar que, ao longo de nossa vida, vamos apreendendo diferentes ações instrucionais (receita, manual, entre outras) que, a depender do nosso envolvimento nessas ações e das práticas sociocomunicativas, são específicas (por exemplo, receita de preparo de determinada comida). Procuramos representar na Figura (5) esse conhecimento cultural e construcional.

Figura 5 – Rede construcional e esquematização do dp - tipo textual: instrução.



Fonte: Autoral.

Passamos, agora, a analisar o gênero “receita”,³² conforme exemplo a seguir. Para tal finalidade, recorreremos a (10) dez textos para nossa amostra de análise.

Figura 6 – Exemplo de gênero receita culinária, mais especificamente “receita de bolo”.

Ingredientes

2 xícaras (chá) de **açúcar**
4 unidades de **ovo** (claras e gemas separadas)
3/4 xícara (chá) de **óleo**
3/4 xícara (chá) de **achocolatado**
3/4 xícara (chá) de **Água** morna
2 xícaras (chá) de **farinha de trigo**
1 colher (sopa) de **fermento químico**
200 **licor de chocolate** de cacau
100 **Água**
3 colheres (sopa) de **açúcar**
2 latas de **leite condensado**
2 colheres (sopa) de **margarina**
200 gramas de **granulado de chocolate**



Modo de preparo

Prepare a massa: bata 2 xícaras (chá) de açúcar com as gemas, depois adicione o óleo, 3/4 de xícara (chá) de achocolatado dissolvido na água morna e, por último, a farinha.

Bate bem a massa, retire da batedeira e junte as claras batidas em neve.

Misture delicadamente e acrescente o fermento em pó.

Leve para assar em forma untada e enfarinhada em forno, preaquecido a 180 °C.

Prepare a calda: em uma panela, misture o licor de cacau, a água e 3 colheres (sopa) de açúcar e leve o fogo até ferver.

RECEITA

Nossa primeira etapa da análise consiste em verificar a colocação das unidades linguísticas que coocorrem, seja na colocação adjacente – unidades linguísticas que ocorrem diretamente próximas umas das outras, seja na colocação de unidades que coocorrem em um intervalo de palavras em uma construção.³³ Assim, primeiramente, fornecemos o rank de usos/frequência de alguns lexemas, conforme Tabela (1), a seguir.

³² 01-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/20816-macarrao-com-bacon-e-molho-branco.html>

02-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/760-panqueca-de-carne-moida.html>

03-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/19817-lasanha-a-bolonhesa.html>

04-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/15559-macarrao-com-calabresa-na-panela-de-pressao.html>

05-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/6351-empadao-de-frango.html>

06-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/105067-pao-recheado.html>

07-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/82681-massa-de-panqueca.html>

08-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/29110-broa-de-fuba-de-liquidificador.html>

09-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/302-pizza-de-pao-de-forma.html>

10-<https://www.tudogostoso.com.br/receita/431-nhoque-facil.html>

³³ Para uma discussão sobre a relação de coerção entre lexemas e construções, conferir Wiedemer e Machado Vieira (2018a).

Tabela 1 – Relação em rank/frequência de lexemas

Rank	1°	6°	7°	8°	9°	10°	11°	12°	17°	18°	35°
Frequência	130	38	35	25	25	24	22	22	16	16	11
Lexema	de	com	massa	em	para	uma	leite	sal	cebola	farinha	trigo
Types: 592											
Tokens/Ocorrências: 2.126											

Fonte: Autoral

Ao observarmos a relação entre a frequência de uso dos lexemas nos textos analisados, encontramos a utilização da preposição “de” com uma frequência de 130 usos e (1°) colocação do rank, enquanto o lexema “massa” com 35 usos, (6°) colocação do rank.

Comparando esses dois lexemas, já é possível perceber uma maior utilização da preposição “de” como construção + gramatical, enquanto o lexema “massa” como construção + lexical, ver Quadro (1). Aqui é importante apontar que as preposições “desempenham, primeiramente, na ordem da oração, a função relacional. O relator, a preposição, faz a função de exprimir uma relação local entre o objeto localizado e um objeto de referência/ponto de referência” (WIEDEMER, 2014, p. 117). Assim, como estamos diante de textos que demandam relacionar diferentes elementos nominais, há maior preponderância de usos da preposição “de”, conforme exemplos, a seguir, Quadro (1). Além disso, a construção ([SN preposição SN]/função relacional) ocorre em todos os textos analisados, ou seja, possui alto grau de produtividade e esquematicidade. Além disso, observando, ainda os resultados dispostos na Tabela (1), é possível perceber que os lexemas “com”, “em” e “para” estão entre os mais frequentes, o que confirma a produtividade de uso de construções nominais nos textos analisados, em que temos uma relação entre uma preposição e um SN. Vejamos algumas ocorrências de usos da preposição “de” no Quadro (1).

Quadro 1 – Exemplos de usos da preposição “de” no paradigma discursivo “receita”

10	Massa 1 e 1/2 xÃ-cara (chÃ;) de farinha de trigo 1 xÃ-cara (ch	02_PANQUECA
11	1/2 xÃ-cara (chÃ;) de farinha de trigo 1 xÃ-cara (chÃ;) de lei	02_PANQUECA
12	nha de trigo 1 xÃ-cara (chÃ;) de leite 2 ovos 4 colheres (sopa	02_PANQUECA
13	eite 2 ovos 4 colheres (sopa) de ã³leo sal a gosto Recheio 300	02_PANQUECA
14	leo sal a gosto Recheio 300 g de carne moÃ-da 2 colheres (sopa	02_PANQUECA
15	arne moÃ-da 2 colheres (sopa) de cebola picada ou ralada 1/2 t	02_PANQUECA
16	ate cortado em cubos 1/2 lata de extrato de tomate 1 caixa de	02_PANQUECA
17	em cubos 1/2 lata de extrato de tomate 1 caixa de creme de le	02_PANQUECA
18	de extrato de tomate 1 caixa de creme de leite sal a gosto 40	02_PANQUECA
19	to de tomate 1 caixa de creme de leite sal a gosto 400 g de mu	02_PANQUECA

Fonte: Autoral.

É claro que a preposição “de” não é específica desse paradigma discursivo, mas nos ajuda a compreender uma maior ocorrência de construções adjetivas no gênero analisado, pois essas desempenham o papel de adjunto adnominal. Além disso, esse papel mais sintático dessa construção aponta para seu caráter mais gramatical, bastante característico das preposições. Observamos, agora, o resultado em relação ao lexema “massa”, conforme exemplos, a seguir, Quadro (2), apesar desse elemento possuir uma frequência de 35 usos, conforme a Tabela (1), ele não é utilizado nos textos 01, 04, 08 e 09, sendo os textos 01 e 04, receitas de macarrão, o texto 08, broa de fubá, e o texto 09, pizza. Dessa forma, conforme já ressaltamos, um paradigma discursivo ajuda na resolução de polissemia de sentidos, conforme se observa quanto ao lexema “massa”, correlacionado com o sentido culinária. Em uma consulta rápida quanto às possíveis definições para o lexema “massa”, encontramos pelo menos mais de dez significados (sentidos oriundos do campo da química, gíria, física, uso figurado etc.). Se compararmos a utilização desse lexema num gênero *fórmula química* e em gênero *receita*, vemos a atualização do significado a depender do contexto do gênero. Os exemplos de uso do lexema “massa” no Quadro (2), a seguir, demonstram tal aplicação de um paradigma discursivo na resolução de polissemias. Assim, a natureza polifuncional de determinado lexema pode ser iluminada a partir da utilização da noção de *paradigma discursivo* e, com isso, resolver questões de sentido.

Quadro 2 – Exemplos de usos do lexema “massa” no paradigma discursivo “receita”

5	entos circulares para que a massa se espalhe por toda a frigid	02_PANQUECA
6	a frigideira. Espere até a massa soltar do fundo e vire a mas	02_PANQUECA
7	sa soltar do fundo e vire a massa para fritar do outro lado. R	02_PANQUECA

Fonte: Autoral.

Além disso, como vimos na Tabela (1), encontramos outros lexemas relacionados ao campo culinário (*leite, sal, cebola, farinha, trigo*), que são produtivos na amostra analisada. Vejamos exemplos de usos da microconstrução “farinha de trigo” (11 usos/instanciações no *corpus*).

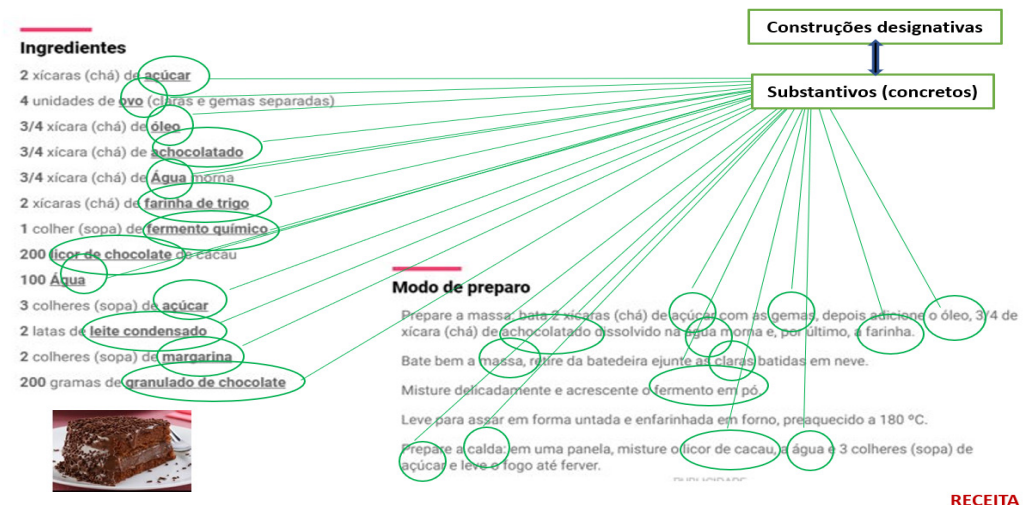
Quadro 3 – Exemplos de usos de “farinha de trigo” no paradigma discursivo “receita”

1	e 1/2 xícara (chá) de farinha de trigo 1 xícara (chá) de	02_PANQUECA
2	, o óleo, e acrescente a farinha de trigo aos poucos. Após a	02_PANQUECA
3	Após acrescentar toda a farinha de trigo, adicione sal a gos	02_PANQUECA
4	e margarina 4 colheres de farinha de trigo 2 xícaras de leite	03_LASANHA À
5	DIENTES massa: 1/2 kg de farinha de trigo 200 g de margarina 1	05_EMPADÃO D
6	icadas 1 colher (sopa) de farinha de trigo dissolvida em um po	05_EMPADÃO D
7	tabletes frescos) 1kg de farinha de trigo 500g de linguiça c	06_PÃO RECHE
8	quificador tudo, exceto a farinha de trigo e o fermento seco,	06_PÃO RECHE
9	NTES 2 xícaras (chá) de farinha de trigo 2 xícaras (chá) d	07_MASSA DE
10	sal a gosto 3 xícaras de farinha de trigo PREPARO: 60MIN REN	10_NHOQUE FÁ
11	etire do fogo e coloque a farinha de trigo de uma só vez. Mis	10_NHOQUE FÁ

Fonte: Autoral

Até aqui, vimos a ocorrência de construções adjetivas e de lexemas relacionados ao campo da culinária. Voltando nossa atenção para esses substantivos, vimos que todos os usos possuem o traço [+ concreto] e designam objetos, ou seja, podemos perceber que o sentido denotativo é característica deste tipo de gênero, o que é confirmado pelos usos mais concretos desses substantivos. Vamos denominar esses usos de construções designativas, conforme se observa na figura, a seguir.

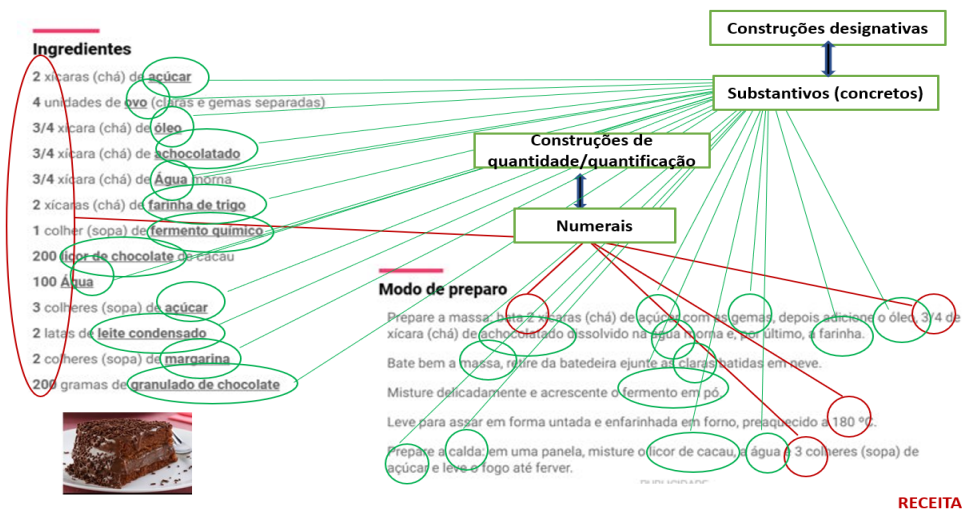
Figura 7 – Relação entre construções designativas e o paradigma discursivo “receita”.



Fonte: Autoral

Outra construção recorrente é a de indicação de quantidade dos objetos, principalmente, no frame *lista*, em que temos a indicação dos ingredientes. Vejamos essas possibilidades na figura, a seguir.

Figura 8 – Relação entre construções designativas, quantificação e o paradigma discursivo “receita”.



Fonte: Autoral.

Considerando a estrutura da receita como padrão discursivo genérico, a partir dos parâmetros de esquematicidade, esse paradigma delinea-se como uma protoconstrução com as seguintes propriedades, por exemplo: (quantificação dos objetos; sequência de ações ordenadas; ações orientadoras etc.). Além disso, o padrão discursivo *receita* atualiza-se no tempo, no espaço e culturalmente. Nisso, podemos perceber sua estabilidade e inovação, a um só tempo, que permitem aos falantes categorizarem determinado conhecimento cultural compartilhado, importante para a sobrevivência humana, o ato de fazer comida. Esse conjunto de práticas (sejam orais ou escritas) é circunscrito em atos discursivos (conhecimento de práticas estabelecidas socioculturalmente), que integram nosso conhecimento. Procuramos representar tal conhecimento e funcionalidade do gênero textual receita a partir do paradigma discurso indicado:

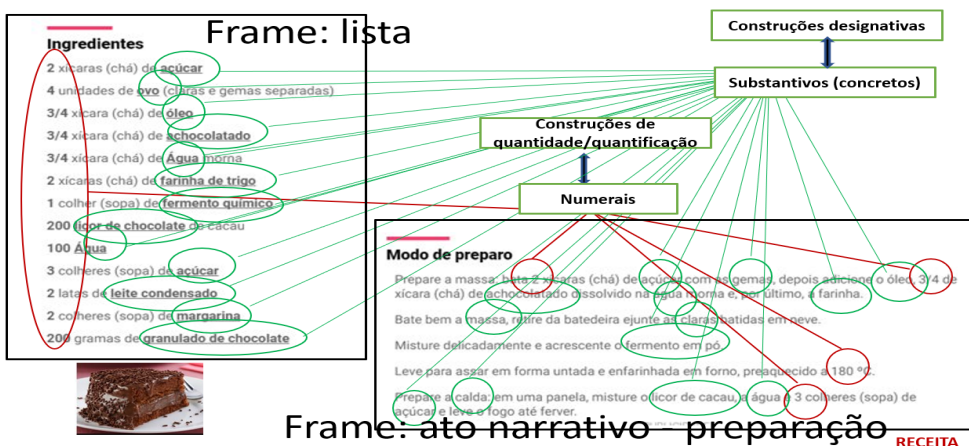
Quadro 4 – Representação do paradigma discursivo “receita”

Paradigma discursivo: receita	
Atributos: cultural (valor: tipo de texto: instrucional); (valor: práticas com comida) gênero textual (valor: receita)	
Envolvimento: documentação do conhecimento humano de ações de preparo de comida e de sobrevivência	
Título	Nome / representação situada socioculturalmente de um objeto do mundo
Orientação	*Frame lista (sequência 01 – <i>lista de ingredientes</i>) Construções de quantificação (<i>especificações sobre quantidades dos produtos e da quantidade de pessoas que serve</i>)
Instruções	*Frame preparo (sequência 02 – <i>sequência de ações ordenadas</i>) Construções injuntivas (<i>ações orientadas</i>)

Fonte: Autoral.

Por fim, podemos visualizar a representação já citada na figura a seguir, em que temos os dois frames acionados (*lista, preparação*) e as construções acionadas (*designativas, quantificadoras*). Vale apontar que, aqui, não estamos apontando todas as construções acionadas pelo gênero *receita*. Procuramos destacar as principais, a título de exemplificação.

Figura 9 – Representação do paradigma discursivo “receita” e relação entre os frame e as construções.



Fonte: Autoral.

O Quadro (4), considerando o esquema proposto por Östman (2005) e Fernandes (2009) para os padrões discursivos, pode ser representado pela seguinte (proto)construção.

Quadro 5 – Paradigma discursivo “receita” como (proto)construção

TÍTULO	ORIENTAÇÃO	INSTRUÇÕES	↕	<i>FUNÇÃO</i>
Informação cultural	Ações sequenciais	Ações orientadas	↕	<i>RELAÇÃO SIMBÓLICA</i>
NOME	SEQUÊNCIA 01	SEQUÊNCIA 02	↕	<i>FORMA</i>

Fonte: Autoral.

Empreendimentos nesse sentido podem ser visualizados nas propostas de Östmann (2005), Leino e Östmann (2005), Miranda (2006), Fernandes (2006, 2009) e Nicolas (2019), que defendem a ideia de paradigmas discursos, bem como nas pesquisas de Hoffmann e Bergs (2018) e Fried (2010), que defendem uma noção ampliada da construção como frames discursivos, e nas de Höder (2017), que defende a especificidade da língua como significado pragmático, propondo a seguinte noção de construção: [forma (sintaxe, morfologia, fonologia.../referencial, gramatical, socio-pragmático...)].

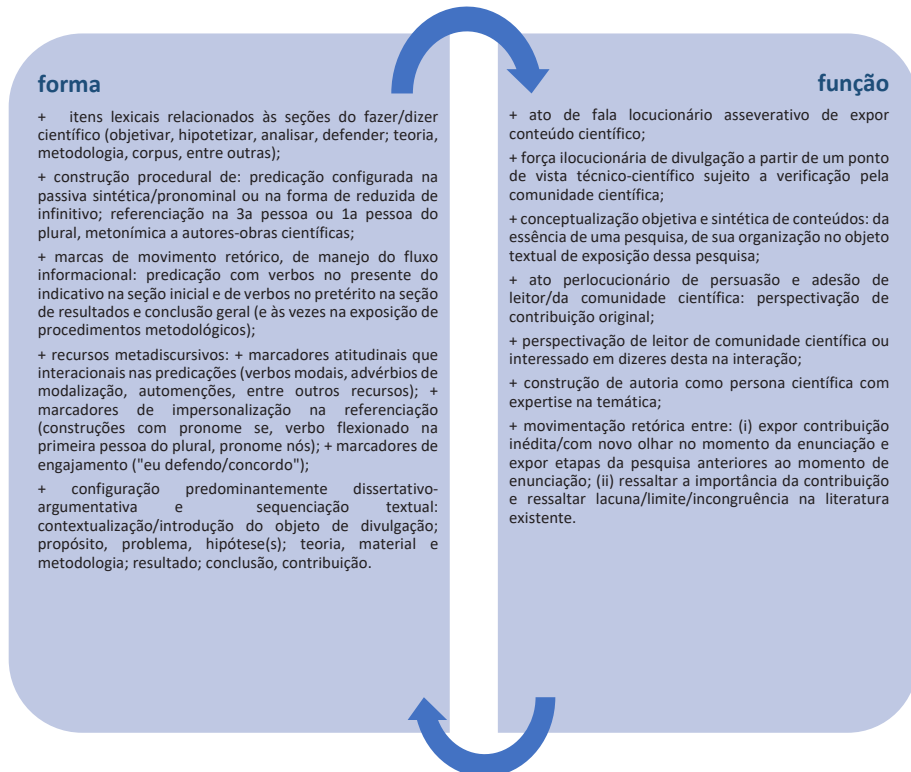
PARADIGMA DISCURSIVO “RESUMO ACADÊMICO-CIENTÍFICO”: CONSTRUÇÕES PROCEDURAIS E LEXICAIS COMBINADAS A UMA CONSTRUÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA

O universo acadêmico-científico é um domínio de interação (sócio)comunicativa que se instaura mediante (i) a funcionalidade geral de reunião de conhecimentos como meios de produção, aplicação, ensino ou divulgação de saberes/ciência; e (ii) uma gama diversificada de práticas, tipos, (sub)gêneros, registros, modalidades discursivo(a)s – mais ou menos culturalmente estabilizado(a)s, embora sempre sujeito(a)s a variação e mudança, e, assim, socialmente convencionalizado(a)s e cognitivamente entrincheirado(a)s na mente de quem tem contato ou participa dele. Uma rápida observação das manifestações concretizadas nesse domínio em diferentes partes do mundo revelará o alto grau de convergência de valores dos atributos envolvidos em sua configuração.

O resumo acadêmico-científico é um dos objetos discursivos muito importantes nesse universo que descreveremos para exemplificar nosso entendimento de paradigma discursivo como protoconstrução. É importante porque, além de ser uma seção frequentemente lida, tem o potencial de mobilizar ou não a atenção e a decisão de ler pela qualidade e pelo grau de informação, tem o poder também de ativar uma primeira impressão do leitor sobre o dizer/fazer científico, pelo projeto e escopo de pesquisa que condensa.

Ele constitui, em si, um pareamento forma-função estocado na mente de quem tem a experiência de ler ou escrever textos de conclusão de curso na universidade (teses, dissertações, monografias, entre outros), artigos científicos, propostas de pôster, comunicação oral, conferências, entre outras manifestações nesse universo. É uma construção textual-discursiva que tende a ser configurada, segundo um espaço limitado de palavras/caracteres, com base em valores associados a atributos como estes:

Figura 10 – Polos forma-função e valores/atributos associados ao gênero “resumo acadêmico-científico”.



Fonte: Autoral.

As unidades linguísticas de diversos níveis de complexidade combinam-se nesse complexo de relações simbólicas de atributos formais e funcionais relativamente estabilizados em decorrência da experiência de uso (produção e processamento de resumos). Esse complexo representado anteriormente, ainda que não o tenhamos feito exaustivamente, é reconhecido como o que configura o conhecimento mais geral de resumo científico.

Em resumos científicos, tendemos a ver materializado o acionamento de certos lexemas/construções lexicais:

- verbais – observar, descrever, explicar, objetivar, verificar, investigar, pesquisar, estudar;
- nominais – dados, hipótese, teoria, pressuposto, método, tratamento, quantitativo, qualitativo.

E diferentes são as construções procedurais acionadas na sua configuração: desde construções procedurais relativas às funções de referenciação e predicação, sempre presentes, até construções procedurais relativas ao manejo entre a organização persuasiva dos conteúdos e a perspectivação da contribuição à comunidade científica promovida pelo objeto textual (oral ou escrito) que o resumo visa a sumarizar.

No processo de referenciação em resumos científicos, predomina o acionamento de construções de terceira pessoa discursiva ou primeira pessoa discursiva, em detrimento da de segunda: a primeira pessoa discursiva normalmente é viabilizada por verbos flexionados na primeira pessoa gramatical do plural e geralmente não é acompanhada de pronome *nós*, já que sobressai a inclinação ao não preenchimento do sujeito (até por parcimônia de caracteres).

A predicação pode organizar-se na voz ativa ou na voz passiva. Nesse caso, o emprego de passiva sintética/pronominal é bem mais frequente nesse gênero de texto do que a passiva analítica (MACHADO VIEIRA; SANTOS; KROPF, 2019). Essa construção passiva geralmente é mais acionada no corpo do texto/objeto textual a que se relaciona o resumo. Quando a passiva analítica ocorre no resumo, tende a localizar-se na seção de exposição dos procedimentos metodológicos. Ademais, Machado Vieira (2020c, em comunicação feita no SLE2020), destaca, ao estudar a alternância de dados de construção passiva analítica com verbo auxiliar de voz (ser, estar, ficar) e com verbo suporte (ter, sofrer), que esta alternativa de passiva analítica raramente tem lugar no resumo de teses, embora ocorra no corpo de objetos textuais mais longos (como teses, dissertações, artigos, por exemplo). Em predicações na voz ativa feitas em resumo, também é mais frequente a presença

de predicadores simples (objetivar, considerar) que predicadores complexos (ter por objetivo, levar em consideração), dado o limite (de palavras ou caracteres) imposto à sua materialização.

Construções com verbos no presente e/ou no pretérito são as mais expressivas em resumos científicos: aqueles, se não ocuparem todo o resumo, normalmente aparecem nas seções iniciais mais ligadas ao desenho propositivo do texto no resumo; esses tendem a ocorrer na exposição dos resultados alcançados e da conclusão, às vezes, também na apresentação da metodologia.

Entre os recursos metadiscursivos, são explorados recursos que viabilizem:

- um modo de exposição de conteúdos predominantemente dissertativo-argumentativo;
- um ponto de vista técnico (com sintagmas nominais com referência a uma área de saber específico e consolidado e/ou a autor-autoridade nela, bem como com advérbios que sinalizem rigor técnico – um sociolinguista, empiricamente, estatisticamente);
- a relativização do espaço autor-interlocutor-comunidade científica-ciência e a construção do enquadre discursivo, por meio de
 - » anguladores (“nossa hipótese”, “em nossa perspectiva teórico-metodológica”, “na concepção de muitos linguistas”, “de fato”, “definitivamente”, “praticamente”, “está evidente que”, “há quem diz”, sinalizando ângulos discursivos mais específicos ou mais abrangentes, mais precisos ou imprecisos, mais ou menos comprometidos com o estatuto de verdade),
 - » modalizadores atitudinais (verbais ou adverbiais – poder, dever, garantir, ponderar, talvez, decisivamente, surpreendentemente),
 - » automenção (via referência bibliográfica, via construção procedural do tipo “eu acredito/argumento/provo”, “nós defendemos”, “nossa/minha”)
 - » eventualmente, marcadores intersubjetivos (note, veja, pondere);
- a impersonalização do discurso, haja vista o interesse em tornar proeminente o fazer/dizer científico e não o autor desse fazer/dizer (SARAIVA, 2019; SARAIVA; MACHADO VIEIRA, 2021; SARAIVA, 2022); e isso se dá por meio de diversos recursos, tais como construção de predicação com o verbo suporte *haver* que encaminha um estado de coisas impessoal, *houve defesa...* por *defendeu-se...* (MACHADO VIEIRA, 2017), construção de

predicação na voz passiva pronominal na qual o participante força indutora fica suspenso (MACHADO VIEIRA, 2020a).

E as construções (lexicais e procedurais) que viabilizam referenciação e predicação na organização de estados de coisas combinam-se a seções do resumo que se conectam segundo uma sequenciação relativamente estável e, em alguma medida, esperada (em geral, conforme a representada na figura anterior).

Naturalmente valores de atributos que configuram o pareamento forma-função que reconhecemos como resumo científico nem sempre se apresentam, todos eles, nos constructos dessa construção, bem como também podem fazer parte de outros objetos textuais do domínio científico (diferentes de resumo). Essa potencialidade configuracional só soma subsídios à concepção de que o paradigma discursivo atua como uma protoconstrução, a orientar a combinação ou a compatibilização e a combinação de construções linguísticas lexicais e procedurais: por um lado, diz respeito à esquematização cognitiva como construção de ordem textual-discursiva (entrincheirada) que orienta o acionamento de unidades linguísticas que, nela e por influência de atributos dela, se combinam por força de atração ou coerção; por outro, sujeita-se ao parâmetro de produtividade (extensibilidade, a partir do que emerge da experiência de usos e socioculturalmente se convencionaliza a partir destes). Assim fazendo, organiza-se em configuração que prevê prototipia (relação entre (i) uma dimensão central com exemplares que têm configuração otimizada pela reunião de mais atributos formais e funcionais associados à concepção fundamental de resumo científico e (ii) uma dimensão periférica com exemplares cuja configuração envolve menos atributos característicos do gênero aqui usado para ilustrar o licenciamento de unidades linguísticas a partir da noção de paradigma discursivo.

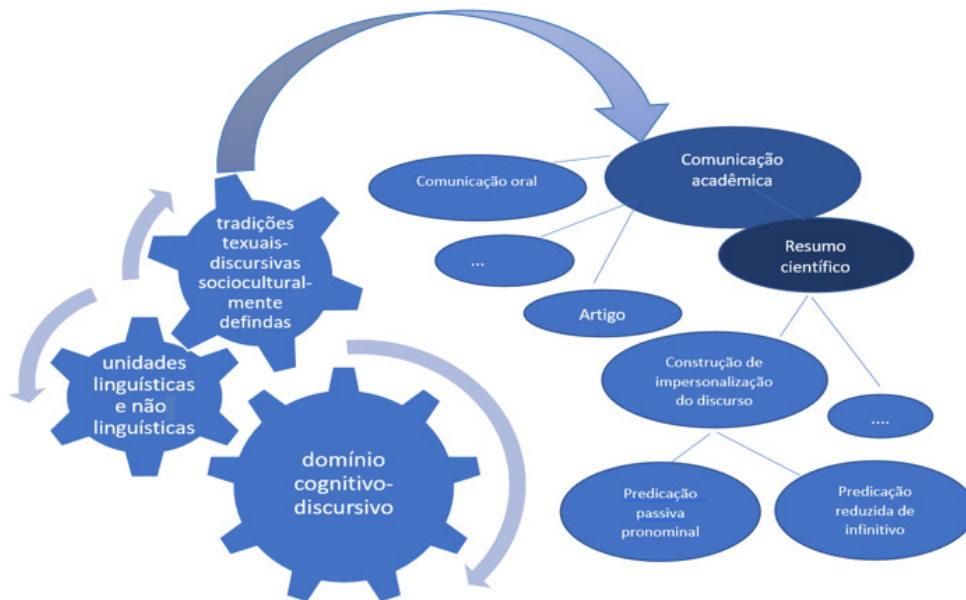
Figura 11 – Dimensões da construção textual-discursiva “resumo acadêmico-científico”.



Fonte: Autoral.

Na configuração de resumos acadêmico-científicos, entram em jogo atributos também presentes noutros gêneros discursivos do universo acadêmico, noutras tradições discursivas deste: por exemplo, a modalidade expressiva escrita (oral), o registro (semi-)formal (ou informal, noutras comunicações), a condição de planejamento prévio (ou síncrono à comunicação), a natureza institucional/pública (em vez de privada) – direcionada a poucos ou a muitos interlocutores. Também como exemplo, o quão dialógica ou cooperativa é a atividade discursiva (se há ou não, em alguma medida, troca real ou virtual de turno discursivo), o grau de distanciamento (ou proximidade) comunicativa entre locutor-interlocutor, baixo (ou alto) grau de emoção ou espontaneidade, a natureza do tema técnico e especializado (ou não), o baixo (ou alto) grau de autonomia (ou dependência) da situação pragmática mais imediata. Todos esses atributos têm influência no acionamento de unidades lexicais e gramaticais que configuram o texto.

Figura 12 – A ação de linguagem, tradições textuais-discursivas socioculturalmente definidas e domínios cognitivo-discursivos em relação ao acionamento de gêneros de comunicação acadêmica e de suas construções linguísticas prototípicas.



Fonte: Autoral.

DISCUSSÃO

Operar com o conceito de *paradigma discursivo*, como aqui formulamos, no âmbito dos estudos funcionais-construcionistas soma contribuições para além das advindas do costumeiro olhar centrado em morfossintaxe e léxico. Além disso, é um movimento de análise e descrição que se alinha à meta da modelagem construcionista de gramática trilhada no sentido de ser inclusiva e integracionista, no que diz respeito, por exemplo, à articulação entre léxico e gramática, entre as faces formal e funcional da linguagem, entre os chamados “idiomatismos” e não idiomatismos/construções regulares.

Soma-se a isso o fato de propiciar aos estudos de alternância linguística atenção a outra dimensão responsável pelo acionamento de uma ou outra variante construcional. Por exemplo, na comunicação científica oral, a impersonalização via recurso ao pronome *você* genérico é cada dia mais frequente (MACHADO VIEIRA, 2021) ao passo que, na comunicação científica escrita, ela ainda ou não tem lugar ou é de uso bastante restrito. Em receitas culinárias, entre as alternativas

para indicação de sequências de ação, também notamos que vem ganhando lugar, em termos de frequência de ocorrência, o recurso a verbos no infinitivo, em vez do recurso a verbos flexionados na terceira pessoa acompanhado de clítico *se* ou do recurso a verbos flexionados na terceira ou segunda pessoa do imperativo (esta, mais frequente na variedade de Portugal).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a produção de determinada textualidade de forma interacional, em que no evento comunicativo estão em jogo, por um lado, locutor, interlocutor e um objetivo definido, e, por outro lado, a localização dessa produção numa determinada atividade social, que congrega inúmeras esferas sociointeracionais, por exemplo, familiares, jornalística, científica entre outras. É sabido que cada esfera admite determinada configuração de texto, este é concretizado por uma relativa tradição, que é construída e rotinizada culturalmente. Assim, vários elementos interveem na construção do gênero de um texto, que são denominados de condições de produção. E, isso é refletido no plano da tessitura textual, ou seja, no objeto linguístico. Aqui, ainda, incluímos as preferências estilísticas como ingrediente da produção discursiva, pois é sabido que as práticas de discurso têm restrições dadas pelas tradições discursivas, porém se realizam em atividades de individualização da expressão, de modos de dizer representados pelas comunidades de prática.

Dessa forma, argumentamos que no processo de categorização dos padrões linguísticos, ao longo do tempo e por transmissão social, os padrões discursivos sejam considerados na abordagem da Gramática de Construções, pois eles também são partes essenciais da representação preexistente na base do comportamento linguístico humano, embora se sujeitem, como as demais construções, a recontextualização e reconfiguração para novos fins. Esses padrões discursivos são representações mentais pré-instanciadas na cultura do dia a dia e, portanto, generalizações sobre eles também devem ter lugar nas descrições construcionistas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Elisabeth. *Categorias lexicais e funções na linguagem de especialidade da economia*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2006.

ARAÚJO, Ana Alice de Freitas N. *Os usos dos verbos vender e alugar em anúncios classificados de jornal impresso*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2012.

- BAKHTIN, Mikhail. The Problem of Speech Genres. In: EMERSON, C.; HOLQUIST, M. (ed.). *Speech Genres and Other Late Essays*. Austin: University of Texas Press, 1986, p. 60-102.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.
- BERGS, Alexander. Can we take Construction Grammar Beyond Sneezing Napkins off Tables? In: STIERSTORFER, K. (ed.). *Proceedings of the Anglistentag Münster 2007*. Trier: WVT, P. 269-276, 2008.
- BEZERRA, Benedito G. *Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar*, Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics* (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.
- DIESSEL, Hogel. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, Eva; DIVJAK, Dagmar (ed.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.
- FERNANDES, G. S. Uma abordagem construcional dos gêneros textuais. In: SALIM MIRANDA, N.; SALOMÃO, M. M. M. (org.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. *Language*, 64, p. 510-538.
- FRIED, Mirjam; ÖSTMAN, Jan-Ola. (2003). The explicit and the implicit in the Suasion Frame. In: HAJIĆOVÁ, E.; KOTĚŠOVCOVÁ, A.; MÍROVSKÝ, J. (ed.). *Proceedings of CIL 17*. Prague: Matfyzpress, 2003.
- FRITH, Chris D.; FRITH, Uta. Mechanisms of Social Cognition. *Annual Review of Psychology*, v. 63, p. 287-313, 2012.
- GALEF, Bennett G.; LALAND, Kevin N. Social learning in animals: Empirical studies and theoretical models. *Bioscience*, 55, p. 489-99, 2005.
- GOLDBERG, Adele. E. Constructions: A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences* 7, p. 219-224, 2003.

GROOM, Nicholas. Construction grammar and the *corpus*-based analysis of discourses: the case of the WAY IN WICH construction. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 24, n. 3, p. 291-323, 2019.

HILPERT, Martin. *Constructional change in English: Developments in allomorphy, word-formation and syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HILPERT, Martin. From *hand-carved* to *computer-based*: Noun-participle compounding and the upward strengthening hypothesis. *In: Cognitive Linguistics*, 26, p. 113 - 147, 2015.

HÖDDER, Steffen. Convergence vs. Divergence from a diasystematic perspective. *In: BRAUNMÜLLER, Kurt; HÖDER, Steffen; KÜHL, Karoline (ed.). Stability and divergence in language contact: factors and mechanisms (Studies in Language Variation 16)*, p. 39-60, 2014.

HÖDDER, Steffen. Multilingual constructions: a diasystematic approach to common structures. *In: Braunmüller, Kurt; Gabriel, Christoph (ed.). Multilingual individuals and multilingual societies (Hamburg Studies on Multilingualism 13)*, 2012, 241–257. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.

HOFFMAN, Thomas; BERGS, Alexander. Are you a construction in disguise? Was Fußballgesänge uns über soziale und physische Kontexteigenschaften von Konstruktionen lehren. *In: ZIEM, Alexander; LASCH, Alexander (ed.). Konstruktionsgrammatik IV*. Tübingen: Stauffenburg, p. 115-131, 2014.

HOFFMAN, Thomas; BERGS, Alexander. A Construction Grammar Approach to Genre. *CogniTextes-Revue de L'Association Française de Linguistique Cognitive*, v. 18, 2018.

LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago, The University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar*, V. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEADBEATER, Ellouise; CHITTKA, Lars. Social learning in insects: from miniature brains to consensus building. *Current Biology* 17, p. 703-13, 2007.

LEINO, Leino; ÖSTMAN, Jan-Ola. Constructions and variability. *In: FRIED, M.; BOAS, H. C. Grammatical Constructions: back to the roots*. Amsterdam/

Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 192-213, 2005 (Constructional Approaches to Language).

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística*, 2016, p. 152-170.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Expressões impessoais no discurso acadêmico brasileiro. *Letrônica*, 10(1), 82-95, 2017. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.25061>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português (Verbal predication and discursive impersonalization: gradience and alternation in the Portuguese Construction Grammar). *Estudos da Língua(gem)*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 65-84, 2020a. DOI: 10.22481/el.v18i1.6131. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6131>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação construcional em perspectiva: predicação verbal / Constructional variation in perspective: verbal predication. *Pensares em Revista*, [S.l.], n. 19, set. 2020b. ISSN 2317-2215. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/52656>. Acesso em: 13 set. 2021. doi:<https://doi.org/10.12957/pr.2020.52656>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Passive predication in Portuguese: Alternation in Construction Grammar. Comunicação apresentada em agosto de 2020 durante 53rd Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea, <http://www.sle2020.eu/programme>, <https://osf.io/48dcz/>, 2020c.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Impersonalização discursiva na predicação verbal em variedades escritas do Português. Comunicação apresentada durante o I Colóquio Internacional Variar – A variação fonológica e sintática nas línguas românicas, 2021. <https://variar.wixsite.com/variar/confer%C3%A0ncias>. Acesso em: 13 set. 2021.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; SANTOS, Júlia Lessa dos; KROPF, Morgana Pinheiro Albuquerque. Variação construcional por analogia: padrões construcionais de predicação verbal na voz passiva. *SOLETRAS*, [S.l.], n. 37, p. 154-178, jan. 2019. ISSN 2316-8838. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/38481>. doi:<https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38481>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: Variationist Sociolinguistics and Construction Grammar: os desafios e as perspectivas de

compatibilização. In: *Dimensões e Experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019, p. 85-120. <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/dimensoes-e-experiencias-em-sociolinguistica-1575>.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (org.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

MUNDY, Peter; NEWELL, Lisa. Attention, joint attention and social cognition. *Current Directions in Psychological Science*, 16(5), p. 269-274, 2007.

ÖSTMAN, Jan-Ola. Coherence through understanding through discourse patterns. Focus on News Reports. In: BUBLITZ, W. et al. (ed.). *Coherence in spoken and written discourse: How to create it and how to describe it*. Amsterdam & Philadelphia, PA: John Benjamins, 1999, p. 77-100.

ÖSTMAN, Jan-Ola. Construction Discourse: a prolegomenon. In: FRIED, Mirjam (ed.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 121-144.

PETRÉ, Peter. Grammaticalization by changing co-text frequencies, or why [BE Ving] became the ‘progressive’. *English Language and Linguistics*, v. 20(1), p. 31-53, 2015.

SALIM MIRANDA, Neuza. O caráter partilhado da construção da significação. *Veredas, revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 57-81, 2016.

SARAIVA, Eneile Santos. Variação em usos de construções com predicador verbalTD + clítico SE: impessoalização e indeterminação em textos científicos e jornalísticos do Português Brasileiro. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, v. 21, n. 2, p. 83-98, 2019.

SARAIVA, Eneile Santos. Predicação transitiva direta com pronome SE: perfis de impersonalização discursiva em variação. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2022.

SARAIVA, Eneile Santos; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Indeterminacy and impersonalization in Brazilian Portuguese discursive practices. Comunicação apresentada em 2021 durante 54rd Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea, <http://www.sle2021.eu/programme>, <https://osf.io/yvpfg/>.

SCHMID, Hans-Jorg. *The Dynamics of the Linguistic System: Usage, Conventionalization, and Entrenchment*. Oxford University Press: Oxford, 2020.

SILVA, Augusto Soares. Variação do significado e significado da variação: para a integração dos aspetos sociais e conceptuais da variação pluricêntrica do português europeu e brasileiro. In: COSTA, A.; DUARTE, I. *Nada na linguagem lhe é estranho: homenagem a Isabel Hub Faria*. Porto: Edições Afrontamento, p. 167-182.

TOMASELLO, Michael. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford, Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, Marcos Luiz. Para uma visão conceptual das preposições que complementam verbos de movimento no português brasileiro. *Revista Veredas*, v. 18, n. 2, 2014, p. 102-122.

WIEDEMER, Marcos Luiz; OLIVEIRA, Marcia Lisboa Costa de. Ler e escrever para quê? Sentidos do letramento escolar para adolescentes em conflito com a lei. *Revista Uniabeu*, v. 8, n. 18, 2015, p. 347-363.

WIEDEMER, Marcos Luiz; MACHADO VIEIRA, Marcia dos S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal, número especial*, v. 30, n. 30, 2018a, p. 81-132.

WIEDEMER, Marcos Luiz; MACHADO VIEIRA, Marcia dos S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, Lucene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loremi (org.). *Sociolinguística: Estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: Editora da Unicentro, p. 41-77, 2018b.